



Seminário Diplomático Praga, República Checa

Os 20 anos da CPLP e os desafios do futuro

Exm.o Senhor Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros Ivan Jancarek;

Exm.o Senhor Embaixador Ladislav Skerik;

Ilustres Embaixadores e representantes diplomáticos acreditados em Praga;

Ilustres funcionários diplomáticos do Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Checa;

Ilustres oradores e convidados;

Minhas senhoras e meus senhores

Começo por agradecer o convite que me foi formulado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Checa o convite para visitar este país no quadro da candidatura da República Checa a Observador Associado da CPLP. O vosso Embaixador tem sido incansável na preparação e concretização desta vontade do Governo checo.

Permitam-me dizer, com grande satisfação, que esta candidatura é representativa das intensas relações históricas da República Checa com os países da CPLP. Falo naturalmente das importantes relações com o seu parceiro da região europeia, Portugal; da crescente importância das trocas comerciais com o Brasil; mas também dos laços históricos partilhados com os países africanos de língua portuguesa. Como disse o Sr. Vice-Ministro, muitos cidadãos dos nossos países, hoje dirigentes, fizeram aqui os seus estudos superiores. O atual Presidente

da República de Moçambique, formou-se em Brno, em Engenharia Mecânica.

Estamos num momento de resgate desses laços através do relançamento da cooperação nos mais diversos domínios, em particular no que diz respeito à educação, ciência e tecnologia, mas também às trocas comerciais.

Este processo de candidatura ficará, espero eu, concluído na próxima Cimeira que terá lugar no Brasil.

Não podia, pois, ser mais oportuno, o convite que me foi dirigido, pelo que é com enorme satisfação que me proponho a falar-vos um pouco sobre a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a sua origem, crescimento e desafios.

E a primeira questão que coloco é ***O que é a CPLP, 20 anos volvidos da sua criação?***

A criação da CPLP funda-se no princípio de solidariedade e de cooperação internacional enquanto instrumento de desenvolvimento ao serviço de um conjunto de – primeiro 7, depois 8 e agora 9 Estados-Membros. Estados culturalmente únicos e diversos que partilham a mesma língua, um passado histórico e um conjunto de valores humanistas universais. São essencialmente Estados que partilham um mesmo desejo de desenvolvimento e progresso.

Apesar da sua diversidade exacerbada, por um lado pela descontinuidade geográfica, pluricontinentalidade e multirregionalidade. Por outro lado essa diversidade é tornada menos relevante pela força e pujança da nossa amizade e determinação de construir uma Comunidade forte, cujas dinâmicas e resultados premeiam as nossas vidas.

Desde a data da sua criação, em 1996, muitas foram as alterações observadas na Organização. Desde logo devido às profundas alterações ocorridas no contexto interno dos seus Estados-membros, assim como por força das mudanças verificadas na arena internacional.

Vejamos:

- Em 1996, cada um dos Estados-membros enfrentava desafios internos muito diversos, e aos mais variados níveis, seja político, económico ou social;
- Alguns deles estavam ainda no rescaldo de conflitos internos;
- Enquanto outros se deparavam com complexos desafios económicos, de profundas repercussões sociais e que requeriam políticas internas exigentes.

Concentrados na resolução de desafios internos, o envolvimento dos Estados com os desígnios comunitários achava-se significativamente condicionado.

Mas ao longo destas duas décadas a situação evoluiu de forma assinalável. Os Estados-membros da CPLP têm hoje democracias consolidadas, ou em consolidação, e lograram implementar políticas de

desenvolvimento que deram lugar a expressivas dinâmicas de crescimento económico e de progresso social.

Estamos perante processos que se caracterizam, não obstante a crise internacional que se vive hoje, pela melhoria dos indicadores de crescimento em diversos sectores, como as exportações de matérias primas, as *commodities*, os bens e os serviços. Estou a pensar no petróleo, gás e carvão, assim como na castanha de cajú ou no café, no turismo, na música e nas indústrias criativas.

Este crescimento foi impulsionado pelo aumento da captação de Investimento Direto Estrangeiro, favorecido por ambientes de estabilidade política, num ciclo virtuoso, que permitiu até a alguns dos nossos países tornarem-se, também eles, investidores externos.

Afirmar que o Mundo mudou já se tornou, aliás, um lugar comum, por isso não vou me deter neste ponto. Permitam-me apenas que recorra, novamente, a um dos nossos Estados-membros como um exemplo que sintetiza estas mudanças: Timor-Leste, independente desde 2002, actual presidência em exercício da organização e cuja integração natural trouxe à CPLP a sua frente asiática. É a nossa ponte nesta nossa pluricontinentalidade.

O mundo em constante mudança trouxe-nos novos desafios. As ameaças que hoje se perfilam no horizonte dos Estados são de natureza difusa, de âmbito transfronteiriço e implicam, frequentemente, a erosão da sua soberania. Por esta razão, demandam soluções conjuntas e de natureza multidimensional. Temos sabido

superar esses desafios que despontam no horizonte, sempre na perspectiva de consolidar e projetar a CPLP aos mais altos patamares da diplomacia internacional.

Estas soluções conjuntas e multidimensionais, por sua vez, pressupõem mecanismos multilaterais de concertação e de decisão, o que equivale a dizer que as ameaças do mundo global favorecem o reforço do multilateralismo, logo, a globalização favorece a CPLP.

Colocando em perspectiva o trabalho desenvolvido ao longo dos últimos 20 anos, a CPLP tem vindo a afirmar-se como uma nova forma de regionalismo.

Quero com isto dizer que, não obstante a sua descontinuidade territorial, a CPLP perfila-se como um 'cluster geográfico', como se fosse uma organização 'trans-regional', em que a dispersão geográfica é esbatida pelos efeitos da globalização, caracterizada pelo efeito de proximidade e simultaneidade.

Desta forma, a CPLP é o 'território' onde reside a vontade dos seus nove Estados-membros em cooperarem. É o ponto de convergência dos traços de união entre os seus membros, sejam eles os valores universais e humanistas que defendemos, a língua em que nos comunicamos ou o precioso património histórico que comungamos e que nos une na mesma diversidade cultural que nos distingue.

Mas mais importante do que ser o ponto de convergência de um importante legado, é ser o ponto de partida de uma vontade de partilhar o futuro.

Identificada que está a Organização, coloca-se a questão, que é a de saber que propósitos deve servir a CPLP?

A resposta é imediata e óbvia: **a CPLP deve servir, de maneira efectiva e eficiente os propósitos de desenvolvimento dos seus Estados-membros.**

Isto significa que a CPLP não pode, não deve, ser uma organização estática. Todo o contrário. A CPLP deve ser uma organização viva, em constante movimento, por forma a acompanhar as contínuas dinâmicas dos seus Estados-membros, e simultaneamente integrar na sua agenda os reptos do contexto internacional global em que se insere.

E é o que temos procurado fazer ao cabo destes 20 anos de existência: **aprofundámos** a nossa atuação ao longo dos três pilares que nos erguem, ao mesmo tempo que **alargámos** os sectores de intervenção.

E são muitos os exemplos: integrámos sectores de cooperação que haviam ficado de fora dos estatutos, como a defesa. Mais recentemente colocámos a Segurança Alimentar e Nutricional na Agenda da CPLP para os próximos 20 anos; alinhámo-nos com os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio e estamos ativamente envolvidos na Agenda para o Desenvolvimento pós 2015 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 2015 é também o ano que marca o início da cooperação no sector da Energia, com a realização da primeira reunião ministerial deste sector, tão importante para a afirmação do potencial geopolítico da organização.

Apostámos na Governação electrónica; retomámos, com novo ímpeto, a cooperação em matéria dos mares e oceanos; finanças e, muito recentemente, no sector do comércio. Sob o lema lançado pela presidência timorense, *A CPLP e a Globalização*, realizámos o primeiro Fórum Económico Global; estreitámos laços com a Confederação Empresarial da CPLP, a União de Bancos e a União de Exportadores.

Com efeito, foram já dados passos significativos com vista à adoção de uma Estratégia da CPLP para a Promoção do Comércio e Investimento. Neste sentido, foram identificados 7 *clusters* importantes para a cooperação económica e empresarial: Conhecimento; Novas Tecnologias; Agricultura e Desenvolvimento Rural; Infraestruturas; Mar e Recursos Naturais; Energia e Turismo. Queremos intensificar as trocas entre os países da CPLP, mas também promover parcerias para negócios internacionais e o intercâmbio e a partilha de boas práticas para aceder a novos mercados.

A CPLP é um ator multipolar. Temos a noção que as pertenças dos Estados-Membros da CPLP aos mercados regionais (CEEAC, SADC, CEDEAO, Mercosul, União Europeia e ASEAN) constituem uma oportunidade por demais interessante, representando um “mercado” de quase 2 mil milhões de consumidores. Mesmo excluindo o mercado da União Europeia, cujo acesso comporta requisitos mais complexos, estamos perante cerca de mil milhões e meio de consumidores.

A CPLP serve de âncora nessa vontade de se converter numa Organização complementar nos esforços de integração das políticas económicas. Pode sela o compromisso de cooperação económica, dando um cunho político ao movimento empresarial existente.

Fomos alterando os estatutos de forma a consagrarmos, formalmente, na estrutura e funcionamento, os frutos da nossa ação: incorporámos a Assembleia Parlamentar da CPLP; o Instituto Internacional da Língua Portuguesa; e a Reunião dos Pontos Focais de Cooperação.

Adotámos os Planos Estratégicos e respectivos planos de ação como instrumentos orientadores da nossa intervenção em sectores como a Saúde, o Ambiente, o Turismo, a Igualdade de Género e não menos importante, na Educação, no Ensino Superior, Ciência e Tecnologia, e na Cultura, sector em que apostámos forte nas indústrias criativas e na produção audiovisual como forma de afirmar a nossa diversidade.

No plano político-diplomático reforçámos a nossa cooperação com outras organizações através de uma vasta rede de convénios, sobretudo com as organizações regionais a que pertencem os Estados da CPLP.

Enviámos um representante Especial para a Guiné-Bissau, país que procura a sua paz e estabilidade. Estamos a abrir uma representação em Díli e continuamos a aperfeiçoar as missões de observação eleitoral.

Intensificámos o endosso das candidaturas apresentadas pelos Estados-membros, concertando nos fóruns internacionais a nomeação de altos quadros do espaço da CPLP para cargos de direção nas agências das Nações Unidas. De igual forma, apoiamos a eleição de Portugal e de Angola como membros não permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, onde queremos também ver garantida a representatividade do continente africano. Continuamos a apoiar o BR para membro permanente no CSONU e Estamos agora empenhados em apoiar o candidato de Portugal ao lugar de Secretário-Geral.

Avançámos ainda na colaboração com a Sociedade Civil e aumentámos significativamente o número de observadores consultivos.

Em suma, ao longo destas duas décadas, por ação dos órgãos estatutários, seja da Cimeira de Chefes de Estado e de Governo, das reuniões Ministeriais ou do Secretariado Executivo, consolidámos os nossos pilares, demos corpo a uma importante experiência institucional e acumulámos o saber-fazer.

A nossa cooperação tornou-se cada vez mais estruturada e geradora de resultados tangíveis, contribuindo - e retomo de novo a ideia - para a afirmação da CPLP como um '*cluster geográfico*'.

São cada vez mais os países que se aproximam da Organização. A cimeira de Díli, em 2014, abriu a CPLP à Guiné Equatorial, enquanto membro de pleno direito, e a quatro novos Observadores Associados, a Geórgia, o Japão, a Namíbia e a Turquia, que se juntaram à Ilha Maurícia e ao Senegal.

De Díli para cá, também o Uruguai, a Hungria e a República Checa já formalizaram o seu pedido de associação. Gostaria agora de me deter sobre este ponto, pois é justamente este o que nos congrega hoje, aqui, nesta monumental cidade de Praga, onde inauguramos, da melhor maneira, um novo diálogo entre a República Checa e a CPLP. O alargamento da CPLP, seja em termos de membros de pleno direito, ou de observadores, reforça a mundialização da língua, o que em última análise contribui para o sucesso da diplomacia económica e da internacionalização que o processo de globalização impõe.

O regulamento dos Observadores Associados foi aprovado em 2010, na Cimeira de Luanda, após ter ficado muito claro o interesse crescente que a Organização vinha a despertar.

O objectivo do regulamento é institucionalizar o relacionamento entre ambas as partes, através da constituição de uma parceria que corre ao longo dos três pilares da organização: a concertação político-diplomática; a cooperação em todos os domínios; e a promoção e difusão da Língua Portuguesa.

Em termos concretos, esta parceria pode, e deve, materializar-se através da implementação conjunta de projectos nas mais diversas vertentes de cooperação da Organização, estando igualmente prevista a possibilidade de co-financiamento desses mesmos projectos de interesse comum.

O mesmo é verdade para o apoio recíproco de candidaturas de personalidades dos nossos países a cargos internacionais, ou o apoio a iniciativas e resoluções, adotadas no seio de outras organizações.

Outro aspeto relevante desta parceria prende-se com a difusão e promoção da Língua Portuguesa, a qual tem tido, grande receptividade na República Checa, designadamente no meio académico e Universitário. Para a difusão da língua, a CPLP conta com o Instituto Internacional da Língua Portuguesa, cuja ação muito pode contribuir para um maior conhecimento do Português aqui no país, designadamente através da disponibilização de conteúdos lectivos às instituições checas que o requeiram.

A colaboração com IILP abre, também, a possibilidade de serem identificadas outras iniciativas que permitam tirar partido de ações já em curso, até com organismos dos nossos Estados-membros, conferindo-lhes uma dimensão CPLP. A cooperação em matéria de Língua Portuguesa pode, inclusivamente, ser sistematizada por meio de um Memorando de Entendimento a celebrar com o IILP, possibilidade que encorajo as autoridades checas a explorar.

Gostaria de terminar com uma nota sobre o futuro, lançando uma outra questão, a última desta minha intervenção: **Qual é o maior desafio que se coloca à CPLP?**

Como qualquer outra organização, a CPLP tem de encontrar formas renovadas, e bem sucedidas, de realizar o enorme potencial que encerra.

Não será demais, justamente porque vamos agora inaugurar uma nova parceria entre a República Checa e a CPLP, lembrar aqui algumas ordens de grandeza da nossa Comunidade.

A CPLP é uma associação de nove países, com uma área de mais de 10 milhões de km² e com uma população estimada em 261 milhões de pessoas, cerca de 3,8% da população mundial. Está implantada em quatro continentes, tem três linhas costeiras oceânicas, correspondendo a mais de 7 milhões de km² de área marítima, e pelos quais passa 90% do fluxo do comércio mundial.

A esta área corresponde uma imensa reserva de recursos humanos, energéticos, agrícolas, hídricos, portuários, marítimos, piscícolas, minerais, entre outros, sendo responsável por 4% da riqueza mundial.

No seu conjunto, e após a entrada da Guiné Equatorial, a CPLP surge referida como o 4º produtor mundial de petróleo, com cerca de 5 milhões de barris por dia. Outras estimativas indicam que os países da CPLP originam cerca de 2,6% da energia primária – fósseis e renováveis – produzida no mundo.

O Português surge como a Língua mais falada no hemisfério Sul, a 5ª na internet, e a 4ª com projeção mundial.

Para tirar partido de todo este potencial que sumariamente descrevi, a CPLP tem de definir a sua estratégia de futuro. Que CPLP queremos para os próximos 20 anos? A resposta a esta pergunta é crucial e ao cabo de 20 de anos de actividade estaremos em posição de o fazermos de maneira fundamentada.

Desde que iniciei funções como Secretário Executivo desta organização, procurei desencadear o debate em torno desta questão. A Cimeira de Díli determinou a criação de um grupo de trabalho que recolheu diversos contributos dos mais variados quadrantes, da academia, da sociedade civil, de antigos governantes dos nossos Estados, de antigos Secretários Executivos e até de órgãos estatutários.

Estou convencido que para ser mais eficiente, a CPLP deve, por um lado, (i) aproximar-se cada vez mais dos seus cidadãos, e por outro, (ii) conseguir capitalizar as dinâmicas do mundo global em que se insere.

Comecemos pelos cidadãos. É necessário encontrar formas mais eficazes de corresponder às aspirações dos cidadãos, para que estes se revejam amplamente na organização e se sintam unidos por um sentimento de pertença a um espaço comum.

Isto significa continuar a apostar na valorização do capital humano, do Homem, enquanto agente de mudança. É necessário empoderar o indivíduo para que possa capitalizar a ‘sociedade do conhecimento’ que a globalização nos trouxe, como factor de desenvolvimento e não de exclusão. Coesão social e crescimento económico estão interligados. O desenvolvimento faz-se com as pessoas.

Colocar o Homem no centro dos processos de desenvolvimento, significa elevar a nossa aposta na Educação de qualidade, tanto na formação profissionalizante, como no Ensino universitário; criar redes de conhecimento, que permitam a transferência e a partilha de competências e o intercâmbio de boas práticas, como é o caso de um Espaço Comum de Ensino Superior, que contemple a mobilidade de conhecimento científico e tecnológico; que favoreça a inovação e a constituição de redes temáticas de investigação.

Paralelamente, importa promover o Português como língua de produção científica, língua de inovação e de comunicação digital, como um fator de desenvolvimento humano e de inclusão social; e de diálogo intercultural. No segundo bloco de trabalhos teremos uma sessão que apresentará em detalhe o que estamos a fazer nestes sectores.

Aproximar a CPLP dos cidadãos, passa também por diminuir os entraves à circulação de pessoas, sejam estudantes, professores, ou investigadores; empresários ou funcionários das administrações públicas nacionais; jornalistas, ou representantes da sociedade civil, em suma, promover a circulação daqueles que transportam a divisa da CPLP.

Vejamos agora como fazer da CPLP um catalisador dos riscos e ameaças da globalização, e simultaneamente, uma caixa de ampliação das vantagens que esta encerra.

Desde logo importa tirar partido da configuração geográfica da Organização, que faz a ponte entre o chamado Norte económico e o Sul, oferecendo importantes oportunidades de cooperação Sul/Sul, ou Norte/Sul/Sul.

Acresce a interpenetração que a CPLP pode promover com as organizações regionais em que os seus membros se inserem, assim como com os países associados. A configuração geográfica da organização, confere-lhe um pendor global. As forças e os vectores que governam as dinâmicas mundiais imperam de igual forma na CPLP.

Uma forma de capitalizar este aspeto é através de um reforço da dimensão económica, designadamente através da criação de mecanismos de cooperação comercial e empresarial; assim como da promoção de um ambiente de negócios favorável à internacionalização das empresas e do investimento, entre os Estados-membros, com outros espaços regionais e com os países associados.

Importa igualmente valorizar o Português como língua de negócios, explorando as vantagens da proximidade linguística para o comércio externo; para o Investimento Direto Estrangeiro; para a circulação de pessoas e para a prestação de serviços.

Creio que vos elenquei os principais desafios relativos àquela que poderá ser a estratégia da CPLP para as próximas duas décadas. Numa frase: a estratégia de futuro da CPLP deve contribuir para **a afirmação**

da nossa Comunidade enquanto plataforma multilateral geopolítica, geolinguística e geoeconómica.

A próxima Cimeira, a Cimeira dos 20 anos, deverá estar em condições de aprovar a Nova Visão Estratégica da CPLP, abrindo caminho a um novo capítulo na consolidação da Organização, para o que contaremos também com o contributo da República Checa.

Muito obrigado pela vossa atenção.